

A ESCOLA PRISIONAL COMO AMBIENTE DE APOIO: REFLEXÕES SOBRE DIMENSÃO EMOCIONAL E APRENDIZAGEM

THE PRISON SCHOOL AS A SUPPORTIVE ENVIRONMENT: REFLECTIONS ON EMOTIONAL DIMENSION AND LEARNING

LA ESCUELA EN PRISIÓN COMO ENTORNO DE APOYO: REFLEXIONES SOBRE LA DIMENSIÓN EMOCIONAL Y EL APRENDIZAJE

Clésia Carneiro da Silva Freire Queiroz¹

RESUMO: Este artigo analisa a importância da dimensão emocional no processo de aprendizagem em ambientes de privação de liberdade, destacando o papel da escola como espaço simbólico de acolhimento diante das adversidades impostas pelo encarceramento. A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma revisão bibliográfica, examina-se como a construção de vínculos pedagógicos contribui para a humanização das experiências educativas no contexto prisional. As reflexões evidenciam que a promoção de laços interpessoais entre educadores e educandos favorece o desenvolvimento integral e o engajamento com a aprendizagem. Conclui-se que a incorporação da dimensão afetiva na prática docente constitui um elemento indispensável para a transformação social e a reconstrução da cidadania nas unidades prisionais.

Palavras-chave: Dimensão Emocional. Aprendizagem. Educação Prisional. Vínculos Pedagógicos. Humanização.

ABSTRACT: This article analyzes the importance of the emotional dimension in the learning process within environments of deprivation of liberty, highlighting the role of the school as a symbolic space of support in the face of the adversities imposed by incarceration. Based on a qualitative approach, grounded in a bibliographic review, it examines how the construction of pedagogical bonds contributes to the humanization of educational experiences in the prison context. The reflections show that promoting interpersonal connections between educators and inmates fosters integral development and engagement with learning. It concludes that the incorporation of the affective dimension into teaching practice is an essential element for social transformation and the reconstruction of citizenship in prison units.

1445

Keywords: Emotional Dimension. Learning. Prison Education. Pedagogical Bonds. Humanization.

RESUMEN: Este artículo analiza la importancia de la dimensión emocional en el proceso de aprendizaje en contextos de privación de libertad, destacando el papel de la escuela como un espacio simbólico de acogida frente a las adversidades impuestas por el encarcelamiento. A partir de un enfoque cualitativo, fundamentado en una revisión bibliográfica, se examina cómo la construcción de vínculos pedagógicos contribuye a la humanización de las experiencias educativas en el contexto penitenciario. Las reflexiones evidencian que la promoción de lazos interpersonales entre educadores y educandos favorece el desarrollo integral y el compromiso con el aprendizaje. Se concluye que la incorporación de la dimensión afectiva en la práctica docente constituye un elemento indispensable para la transformación social y la reconstrucción de la ciudadanía en las unidades penitenciarias.

Palabras clave: Dimensión Emocional. Aprendizaje. Educación en Prisión. Vínculos Pedagógicos. Humanización.

¹Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University. Professora no Centro de Observação Criminológica e Triagem Professor Everardo Luna- COTEL- Pernambuco.

1. INTRODUÇÃO

A educação em contextos de privação de liberdade constitui um dos maiores desafios para a efetivação dos direitos fundamentais no Brasil. As unidades prisionais, historicamente marcadas por estruturas excludentes e práticas de controle, impõem obstáculos significativos à realização de um processo educativo humanizado. A carência de políticas públicas contínuas e o predomínio de uma lógica punitiva dificultam a construção de espaços formativos capazes de atender às necessidades dos sujeitos encarcerados.

Nesse cenário, a escola prisional pode configurar-se como um espaço simbólico de resistência, acolhimento e reconstrução da subjetividade, promovendo não apenas a instrução formal, mas também a valorização da dignidade humana e da convivência ética. Tal abordagem justifica-se pela urgência de superar práticas desumanizantes e pela necessidade de consolidar uma educação que reconheça a integralidade do sujeito privado de liberdade.

A problemática que orienta esta análise reside na seguinte questão: como a dimensão emocional pode contribuir para a aprendizagem significativa e o desenvolvimento integral de indivíduos em situação de privação de liberdade? A hipótese considerada é a de que o estabelecimento de vínculos interpessoais entre educadores e educandos favorece o engajamento com o processo formativo e contribui para a reconstrução identitária dos sujeitos.

1446

Este artigo tem como objetivo analisar a relevância da dimensão emocional no processo de aprendizagem no contexto prisional, enfocando a escola como espaço de apoio e mediação humanizada. Para tanto, adota-se como metodologia a pesquisa qualitativa, com base em uma revisão bibliográfica, a fim de fundamentar as reflexões e oferecer subsídios à prática pedagógica nesse campo específico.

Assim, partindo da compreensão de que os laços relacionais estabelecidos em ambiente escolar são essenciais para a aprendizagem e a ressignificação da trajetória de vida dos sujeitos privados de liberdade, o presente estudo propõe-se a discutir, nas seções seguintes, os fundamentos teóricos e práticos da dimensão emocional na educação prisional, articulando-os com estratégias pedagógicas que favoreçam a inclusão, o pertencimento e a cidadania.

2. A DIMENSÃO EMOCIONAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A interação entre emoção e cognição é uma premissa essencial para o desenvolvimento do conhecimento. Vygotsky (2008) argumenta que os processos psicológicos superiores são constituídos por meio da mediação social, sendo imprescindível a criação de um ambiente

emocionalmente seguro para que o vínculo com o saber se estabeleça. Tal perspectiva é especialmente relevante no contexto prisional, onde prevalecem sentimentos de desvalorização, medo e rejeição.

Freire (2021) defende que a prática educativa deve se pautar no diálogo e na valorização da experiência do sujeito. Nessa lógica, a escuta pedagógica ganha destaque como estratégia para romper com a rigidez institucional e promover uma atmosfera de acolhimento e confiança. Rogers (2019) enfatiza que o educador deve garantir um ambiente afetivamente seguro, possibilitando ao aluno construir sua autonomia intelectual, aspecto crucial para educandos com histórico de fracasso escolar e rupturas emocionais.

Conforme Libâneo (2018) e Nóvoa (2022), a ausência de vínculos pedagógicos compromete o engajamento, sendo o laço emocional condição necessária à motivação e à permanência no processo formativo. Antunes (2020) destaca que a dimensão emocional deve integrar o planejamento pedagógico de forma intencional e ética. No campo das neurociências, Damásio (2011) demonstra que os processos emocionais influenciam diretamente a atenção e a memória, o que justifica a necessidade de incorporar a sensibilidade ao ensino.

Considerando tal cenário, Moran (2021) reforça que o ambiente escolar deve propiciar acolhimento e sensação de pertencimento, exigindo do educador uma postura empática, responsiva e aberta ao diálogo. No cárcere, essa postura adquire caráter ainda mais significativo, uma vez que o educador é, por vezes, a única figura institucional a oferecer escuta e reconhecimento. Duarte (2019) relaciona o processo de aprendizagem à constituição da identidade, destacando a relevância dos vínculos para a valorização pessoal e a superação dos estigmas sociais impostos aos detentos.

Parreiras (2022) concebe a pedagogia afetiva como ação intencional e ética voltada ao reconhecimento do outro como sujeito de direitos. Essa abordagem se impõe como necessária em espaços marcados por desumanização sistemática. Perrenoud (2015) propõe uma superação da dicotomia entre emoção e razão, sustentando uma perspectiva formativa integral e transformadora.

Desse modo, a afetividade não apenas favorece o processo cognitivo, mas também atua como elemento restaurador da autoestima e da identidade dos educandos. Ao considerar a dimensão emocional como parte constitutiva da aprendizagem, amplia-se a compreensão sobre o papel da escola no cárcere. A seguir, será discutido como a instituição escolar pode consolidar-se como espaço de apoio e reconstrução simbólica dos sujeitos privados de liberdade.

3. A ESCOLA COMO ESPAÇO DE APOIO E RECONSTRUÇÃO SUBJETIVA E RESGATE DA DIGNIDADE HUMANA

Em unidades prisionais, a escola pode ultrapassar sua função tradicional e converter-se em espaço de reconstrução subjetiva e resgate da dignidade humana. Os vínculos estabelecidos, a organização das atividades e a configuração do espaço físico contribuem para a formação de um ambiente que inspire segurança e pertencimento.

Diante dessas condições, a teoria do apego (Bowlby, 1988) e os estudos sobre pertencimento (Baumeister & Leary, 1995) oferecem subsídios para compreender a escola como espaço relacional de proteção. Wallon (2007) destaca a importância da integração entre emoção e cognição, enquanto Goleman (2012) evidencia a necessidade de desenvolver habilidades socioemocionais para a convivência social e a autoregulação.

Sobretudo no cárcere, onde a hostilidade e o conflito são constantes, a escola pode representar um espaço de aprendizagem de competências emocionais e de fortalecimento do autoconceito (Ribeiro & Mendonça, 2021). Vínculos pedagógicos sólidos tornam-se instrumentos terapêuticos indiretos, capazes de favorecer o enfrentamento de traumas e o exercício da resiliência (Herman, 1992; Ungar, 2004).

Conclui-se, portanto, que a escola pode exercer papel significativo na reconstrução subjetiva dos apenados, promovendo sentido de pertencimento e reafirmação da dignidade. A articulação entre acolhimento emocional e proposta pedagógica qualificada constitui um caminho para ampliar a eficácia das ações educativas no cárcere. A próxima seção abordará a relação entre educação e ressocialização, com foco na função social e política da escola no processo de reintegração dos indivíduos privados de liberdade.

1448

4. EDUCAÇÃO E RESSOCIALIZAÇÃO NO CONTEXTO PRISIONAL

A proposta educativa orientada para o desenvolvimento integral e a reconstrução da identidade pode constituir um fator de ruptura com os ciclos de exclusão. Ao oferecer acesso ao conhecimento, à cultura e à formação profissional, a escola prisional amplia as possibilidades de reintegração social.

Estudos do IPEA (2019) apontam a correlação entre escolarização e redução da reincidência, evidenciando a função preventiva da educação. A reflexão crítica, o desenvolvimento da autonomia e a consciência cidadã são aspectos centrais para o fortalecimento da reinserção dos apenados.

Considerando tal perspectiva, é necessário superar a lógica disciplinar e promover práticas educativas comprometidas com a justiça social. Experiências como o “Remissão pela Leitura” e projetos artísticos revelam-se alternativas eficazes de ressocialização (Rocha & Silva, 2022; Silva & Nascimento, 2023). Conforme Souza e Ferreira (2018), a educação em contextos prisionais deve formar sujeitos autônomos, capazes de intervir em suas realidades.

Essas evidências indicam que a educação, ao ir além da instrução formal, pode representar uma via concreta de ressignificação da trajetória de vida dos detentos, contribuindo para a quebra de estigmas e o fortalecimento de sua inserção social. Com base nessas premissas, torna-se indispensável refletir sobre quais estratégias pedagógicas podem responder, de modo sensível e adaptado, às especificidades do ambiente prisional.

5. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A REALIDADE PRISIONAL

A atuação docente em ambientes prisionais demanda metodologias adaptadas às particularidades do contexto. As metodologias ativas, como a pedagogia de projetos, valorizam os saberes prévios dos educandos e favorecem o protagonismo e o pensamento crítico.

Frente à escassez de recursos tecnológicos, recursos multimídia offline e materiais audiovisuais devem ser explorados. A leitura, a escrita e as atividades artísticas funcionam como estratégias de expressão pessoal, autoconhecimento e fortalecimento da autoestima. Rodas de conversa e grupos de estudo contribuem para a construção de vínculos e promovem diálogo coletivo.

Sob essa ótica, o educador precisa exercer sensibilidade, criatividade e flexibilidade para equilibrar as exigências disciplinares com a promoção de um ambiente acolhedor. Telles e Souza (2022) apontam que práticas dialógicas favorecem o desenvolvimento emocional e ampliam a capacidade de convivência. A formação continuada dos profissionais é indispensável para a qualificação do trabalho pedagógico nesse cenário.

A adoção de estratégias pedagógicas contextualizadas revela-se como possibilidade concreta de ampliação do acesso ao conhecimento, de valorização da história de vida dos educandos e de incentivo à autonomia. Tais práticas também favorecem a criação de um ambiente formativo que contraponha a rigidez institucional, promovendo abertura para o diálogo e para o exercício da cidadania.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensibilidade emocional desponta como eixo articulador da prática educativa em espaços de privação de liberdade. A escola, enquanto espaço de reconhecimento e escuta, pode representar um refúgio diante do processo desumanizador do cárcere.

Reafirma-se, portanto, a urgência de consolidar a educação prisional como política pública estruturante, pautada na valorização da subjetividade, da dignidade humana e da justiça social, alicerçada em práticas pedagógicas que reconheçam o papel da escola como instrumento de reconstrução e pertencimento.

É necessário garantir condições estruturais e formativas para que a ação docente promova a humanização das relações e o fortalecimento da cidadania. Sugere-se a implementação de programas que integrem formação ética, metodologias ativas e abordagem em direitos humanos.

As escolas prisionais devem ser dotadas de recursos materiais e espaços que favoreçam experiências formativas diversificadas. A articulação entre instituições, comunidade e sociedade civil é essencial para sustentar as ações educativas e apoiar a reintegração dos educandos.

Futuras investigações podem aprofundar os efeitos das práticas educativas na reinserção social e na redução da reincidência criminal. Em consonância com Santos (2020), é preciso compreender a educação como direito inalienável e instrumento de justiça, mesmo nos espaços mais adversos.

Mais do que uma ação institucional, a educação em ambientes de privação de liberdade deve ser compreendida como um compromisso ético com a dignidade humana. Quando pautada na dimensão emocional, a prática docente transcende os limites da instrução e passa a exercer função emancipatória, capaz de devolver ao sujeito o sentido de pertencimento, de autoria sobre sua própria história e de esperança quanto ao futuro. Nesse horizonte, a escola deixa de ser apenas um espaço físico para tornar-se um território de transformação, resistência e construção de novas possibilidades existenciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. **Inteligência emocional e educação: o afeto na construção do saber**. São Paulo: Papirus, 2020.

BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M. R. **The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation.** *Psychological Bulletin*, v. 117, n. 3, p. 497-529, 1995.

BOWLBY, J. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do conhecimento e desenvolvimento humano.** Campinas: Autores Associados, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HERMAN, J. L. **Trauma e recuperação.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992.

IPEA. **Sistema prisional em números: estudo sobre reincidência e escolarização.** Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2019.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas.** São Paulo: Cortez, 2018.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papirus, 2021.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação: uma nova narrativa.** Lisboa: Educa, 2022.

1451

PARREIRAS, M. C. **Pedagogia afetiva: ética e educação nas relações interpessoais.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas.** Porto Alegre: Artmed, 2015.

RIBEIRO, M. A.; MENDONÇA, C. L. **Educação emocional e prisões: o papel da escola como espaço de reconstrução.** São Paulo: Contexto, 2021.

ROCHA, A. B.; SILVA, L. M. **Remição de pena pela leitura: práticas de educação libertadora no cárcere.** Recife: EdUFPE, 2022.

ROGERS, C. **Liberdade para aprender.** São Paulo: EPU, 2019.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus.** São Paulo: Boitempo, 2020.

SILVA, D. P.; NASCIMENTO, F. R. **Arte e liberdade: oficinas de expressão na ressocialização carcerária.** Salvador: EDUFBA, 2023.

SOUZA, M. C.; FERREIRA, J. L. **Educação em prisões: desafios e possibilidades de formação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

TELLES, M. C. S.; SOUZA, R. C. **Educar no cárcere: práticas pedagógicas e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2022.

UNGAR, M. **Nurturing hidden resilience in troubled youth**. Toronto: University of Toronto Press, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.